

MARTIN AMIS

A viúva grávida

Uma história dos bastidores

Tradução
Rubens Figueiredo



Copyright © 2010 by Martin Amis

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The pregnant widow — Inside history

Capa

Flávia Castanheira

Imagens de capa

Mulher na piscina © amanaimages / Corbis (RF) / LatinStock

Torre de castelo © Getty Images

Preparação

Fabiola Cristófoli

Revisão

Carmen S. da Costa

Márci Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amis, Martin

A viúva grávida : uma história dos bastidores / Martin Amis;
tradução Rubens Figueiredo — São Paulo : Companhia das
Letras, 2011.

Titulo original: The pregnant widow : inside history.

ISBN 978-85-359-1849-6

1. Ficção inglesa I. Título.

11-03053

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa

823

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

A morte das formas contemporâneas de ordem social devem antes alegrar do que perturbar o espírito. Todavia o que é assustador é que o mundo que se vai deixa atrás de si não um herdeiro, mas uma viúva grávida. Entre a morte de um e o nascimento do outro, muita água vai rolar, uma longa noite de caos e desolação vai passar.

Aleksandr Herzen

Narcisismo: s. interesse excessivo ou erótico em si mesmo e na própria aparência física

Concise Oxford Dictionary

*Agora estou pronto para contar como os corpos se transformam
Em corpos diferentes.*

“Metamorfose”
(Ted Hughes, *Contos de Ovídio*)

LIVRO UM

Onde erguemos nosso palco

1. Franca Viola

Era o verão de 1970 e o tempo ainda não havia pisoteado com toda força estes versos:

*O intercurso sexual começou
Em 1963
(O que foi bastante tarde para mim) —
Entre o fim da proibição de Chatterley
E o primeiro LP dos Beatles.*

Philip Larkin. “Annus Mirabilis” (antigo “História”), revista *Cover*, fevereiro de 1968

Mas agora é o verão de 1970 e o intercurso sexual já ia bem adiantado. O intercurso sexual tinha rodado bastante e andava na cabeça de todo mundo.

O intercurso sexual, cumpre ressaltar, tem duas características peculiares. É indescritível. E povoá o mundo. Não devería-

mos, portanto, ficar surpresos com o fato de ele andar na cabeça de todo mundo e com tanta força.

Keith ia passar aquele verão quente, interminável e eroticamente decisivo num castelo na encosta de uma montanha acima de uma aldeia na Campania, na Itália. E agora ele caminhava pelas ruazinhas de Montale, de bar em bar, no crepúsculo, flanqueado por duas louras de vinte anos, Lily e Scheherazade... Lily: 1,65; 86-63-86. Scheherazade: 1,77; 94-59-84. E Keith? Bem, ele tinha a mesma idade, e era esguio (e moreno, com um queixo muito enganador, barbinha curta, cara obstinada); e ocupava o território muito disputado entre um e sessenta e oito e um e setenta de altura.

Estatística vital. A expressão originalmente se referia, nas ciências sociais, a nascimentos, casamentos e mortes; agora significava busto, cintura, quadris. Nos compridos dias e noites do início de sua adolescência, Keith demonstrava um interesse anormal pela estatística vital; e costumava ficar inventando estatísticas para se divertir em sua solidão. Embora jamais fosse capaz de desenhar (era muito atrapalhado com lápis de cor), conseguia perpetrar figuras no papel, silhuetas de mulher, traduzidas em números. E todas as combinações possíveis, ou pelo menos qualquer coisa remotamente humanoide — 89-114-140, por exemplo, ou 152-152-152 —, pareciam perfeitamente dignas de serem imaginadas. 116-119-79, 79-119-116: bastante dignas de serem imaginadas. Mas Keith era sempre forçado a recuar, de algum modo, para o arquétipo da ampulheta, e assim que chegava a (por exemplo) 246-8-246, não havia mais nenhum lugar novo para visitar; durante uma hora de contentamento, podia contemplar a figura de um número oito, em pé, e depois de lado; até que, num estado de modorra, retomava as combinações lacrimosas e meigas da

casa dos cinquenta, setenta e cinquenta. Meros dígitos, meros números inteiros. Todavia, quando era menino, e enxergava as estatísticas vitais sob a foto de uma cantora ou de uma estrela do cinema, pareciam tagarelamente indiscretas, contavam-lhe tudo o que ele precisava saber a respeito do que estava para vir em breve. Não queria abraçar e beijar aquelas mulheres, ainda não. Queria resgatá-las. De uma ilha fortificada (digamos), ele as resgataria...

86-63-86 (Lily), 94-59-84 (Scheherazade) — e Keith. Todos eles estavam na Universidade de Londres, os três; direito, matemática, literatura inglesa. Intelligentsia, nobreza, proletariado. Lily, Scheherazade, Keith Nearing.

Desceram andando pelas ruazinhas íngremes, cortadas por lambretas e atravessadas por tapeçarias ondulantes ao vento, que eram roupas e lençóis pendurados para secar, e esquina sim, esquina não uma capelinha espreitava com velas, paninhos enfeitados e a efígie em tamanho natural de um santo, um mártir, um clérigo de maus bofes. Crucifixos, indumentária, maçãs de cera verdes ou gangrenadas. E além disso havia o cheiro, vinho azedo, fumaça de cigarro, repolho cozido, bueiros, água-de-colônia pungentemente doce, e também a pontada de febre. O trio se deteve com cortesia quando uma ratazana pomposamente marrom — prodigamente assimilada — cruzou seu caminho sem a menor pressa: tendo em vista o poder da fala, a ratazana poderia ter proferido um trivial *buona sera*. Cães latiam. Keith respirou fundo, tinha bebido demais e estava com o pruriante, o provocante travo da febre.

Pisou em falso e depois se equilibrou. O que era? Desde sua chegada, quatro dias antes, Keith tinha vivido dentro de uma pintura, e agora estava saindo de dentro dela. Com seus vermelhos de cádmio, suas safiras de cobalto, seus amarelos de estrônio

(todos recém-triturados), a Itália era uma pintura e agora ele estava saindo de dentro dela, para algo que já conhecia: o centro da cidade e o mostruário de arredores da modesta cidade industrial. Keith conhecia cidades. Ele conhecia avenidas modestas. Cinema, farmácia, tabacaria, alfaiate. Com extensões de vidro e de interiores com luz neon — as primeiríssimas semelhanças do esplendor das butiques do regime de mercado. Na vitrine, manequins de pele de plástico de um marrom caramelizado, um deles sem braço, outro sem cabeça, arrumados em poses de quem se apresenta com toda educação, como que convidando o espectador a dar as boas-vindas às formas femininas. Assim o desafio histórico estava lançado brutalmente. As Nossas Senhoras de madeira nas esquinas das ruazinhas logo acabariam usurpadas pelas damas de plástico da modernidade.

Então aconteceu uma coisa — algo que ele nunca tinha visto. Após quinze ou vinte segundos, Lily e Scheherazade (com Keith de algum jeito entre parênteses no meio) foram rápida e surrealmente engolidas por um enxame de homens jovens, não meninos nem adolescentes, mas homens jovens de camisas elegantes e calças bem passadas, fazendo algazarra, gritando, dando gargalhadas — e todos, de modo cintilante, se misturavam, se diluíam, se espalhavam sob a luz dos postes de iluminação, como um truque telecinésico feito com cartas de baralho de reis e vales... A energia que emanava deles estava no nível (ele imaginou) de um motim numa prisão da Ásia oriental ou da região subsariana — mas na verdade não tocaram, na verdade não barraram seu caminho; e após uns cem metros, como uma soldadesca batalhenta, entraram mais ou menos em forma, uns doze mais ou menos se contentaram com uma visão por trás, outros doze viraram-se para olhar dos dois lados e a grande maioria voltada para a frente e caminhando de costas. E quando é que se vê uma coisa dessas? Uma multidão de homens andando de costas?

Whittaker estava à espera deles, com sua bebida (e o saco do correio), do outro lado do vidro turvo.

Keith continuou dentro, enquanto as garotas se demoraram na porta (se consultando ou se reorganizando), e disse:

“Será que estou vendendo coisas? Essa foi uma experiência nova. Meu Deus, qual é o problema com eles?”

“É uma abordagem diferente”, respondeu Whittaker, com a fala arrastada. “Não são como você. Eles não acreditam em fingir que não está acontecendo nada.”

“Eu também não. Não fico fingindo que não está acontecendo nada. Ninguém nunca viu isso. E fingir que está acontecendo o quê?”

“Então faça como eles. Da próxima vez que vir uma garota que você goste, fique fazendo polichinelos na frente dela.”

“Foi uma coisa inacreditável, isso daí. Esses... esses sacanas *italianos*.”

“Italianos? Ei, vamos lá, você é inglês. Pode usar uma palavra melhor do que *italianos*.”

“Está bem, esses *hermanos*... quer dizer, carcamanos. Esses chicanos de merda.”

“Chicanos são mexicanos. Isso é patético. *Italianos*, Keith — macarrones, carcamanos, mafiosos.”

“Ah, mas eu fui educado para não fazer distinções com base em raça ou cultura.”

“Isso vai ajudar muito você. Na sua primeira viagem à Itália.”

“E também, todas essas capelinhas... De todo modo, já disse para você, é a minha origem. Eu não julgo. Não posso. É por isso que você precisa cuidar de mim.”

“Você é muito suscetível. Suas mãos estão tremendo — olhe só para elas. E é duro trabalhar quando a gente é neurótico.”

“É mais do que isso. Não sou propriamente doido, mas tenho uns episódios. Não enxergo as coisas com clareza. Entendo mal as coisas.”

“Sobretudo com garotas.”

“Sobretudo com garotas. E estou em desvantagem. Sou homem e sou inglês.”

“E hétero.”

“E hétero. Cadê o meu irmão? Você vai ter de ser um irmão para mim. Ou melhor, me trate como o filho que você nunca teve.”

“Está bem, vou fazer isso. Agora escute aqui. Agora escute aqui, meu filho. Comece logo a encarar essa gente com um pouco de perspectiva. Johnny Carcamano é um ator teatral. Italianos são fantasistas. A realidade não basta para eles.”

“Não? Nem mesmo esta realidade?”

Viraram-se, Keith de camiseta de malha e jeans, Whittaker com seus óculos de aro de tartaruga, os pedaços ovais de couro costurados para proteger os cotovelos do paletó de veludo, o cachecol de lã castanho-claro, como seu cabelo. Lily e Scheherazade agora estavam andando na direção da escada rumo ao porão, entrando da clientela idosa e exclusivamente masculina uma fantástica diversidade de caretas; suas formas suaves se puseram em movimento, passando por um corredor polonês de gárgulas, fizeram um requebro, depois saíram para baixo, lado a lado. Keith disse:

“Esses velhos caducos. O que é que eles estão olhando?”

“O que estão olhando? O que acha que eles estão olhando? Duas garotas que esqueceram de pôr qualquer roupa sobre o corpo. Falei para Scheherazade, *Hoje à noite você vai à cidade. Vista alguma roupa. Use roupas.* Mas ela esqueceu.”

“Lily também. Sem roupa nenhuma.”

“Não faça distinções culturais, Keith, é melhor. Esses velhos acabaram de chegar aos trancos e barrancos lá da Idade Média. Pense só. Imagine. Você é da primeira geração urbana. Com seu

carrinho de mão estacionado na rua. Está lá tomando seu copinho de sei lá o quê, tentando pôr as ideias no lugar. De repente vira e o que é que você vê? Duas louras peladas.”

“...Ah, Whittaker. Foi tão horrível. Lá fora. E não pelo motivo óbvio.”

“Qual é o motivo não óbvio?”

“Merda. Os homens são tão cruéis. Não consigo falar. Você vai ver sozinho quando voltar... Olhe! Eles ainda estão lá!”

Os jovens de Montale agora estavam do outro lado da vidraça, amontoados como acrobatas mudos, e num quebra-cabeça de rostos que se contorciam espremidos contra o vidro — rostos estranhamente nobres, sacerdotais, nobremente sofredores. Um por um, começaram a cair para trás e a se descolar. Whittaker disse:

“O que não entendo é por que os rapazes não agem desse jeito também quando *eu* passo andando pela rua. Por que as garotas não pulam e ficam fazendo polichinelo quando *você* passa andando pela rua?”

“É, por que não fazem isso?”

Quatro canecas de cerveja estavam amontoadas na frente deles. Keith acendeu um Disque Bleu, acrescentando sua fumaça aos bufos e espirros sulfurosos da máquina de fazer café e à neblina ambiente, feita de uma descrença supersticiosa: os frequentadores do bar e seus olhares de catarata, vendo e descartando, vendo e não acreditando...

“A culpa é de vocês mesmas”, disse Whittaker. “Não satisfietas em estar nuas... ainda por cima são louras.”

As garotas ainda estavam silenciosamente ruborizadas e indignadas, e bufando nos fios eriçados das sobrancelhas. Scheherazade disse:

“Bem, nos desculpe por isso. E da próxima vez vamos usar roupas.”